

Ler o Espaço para Compreender o Mundo: algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia

*Carmen Lúcia Vidal Perez**

Resumo

Pensar o ensino de Geografia nas séries iniciais a partir de sua função alfabetizadora é procurar resgatar o seu próprio objeto – o espaço –, inserindo-o em uma perspectiva teórica que articula a leitura da palavra à leitura do mundo. Tal abordagem nos possibilita pensar alfabetização e Geografia, através de uma articulação teórica que, sem cair na tentação do alibi do conteúdo ou na armadilha do método, aponte para uma construção epistemológica.

Palavras-chave: espaço, leitura, Geografia, pedagogia, mundo.

Introdução

O presente texto é um ensaio de pensamento, que, ao abordar a função alfabetizadora do ensino de Geografia nas séries iniciais, pretende, a partir do diálogo entre as obras de Paulo Freire e de Milton Santos, pensar a construção de uma epistemologia existencial, tão cara a estes dois grandes pensadores, quanto necessária à escola brasileira. Articular alfabetização e Geografia é refletir sobre o ser humano, a natureza, a cultura, a sociedade, é praticar uma pedagogia da possibilidade, fundada em uma epistemologia situada entre a teoria e a realidade.

Considerando que o tema central da Geografia é o estudo do espaço a partir da análise da relação ação-objeto, ou seja, que o espaço geográfico define-se pela presença articulada da ciência e da técnica no território, podemos afirmar que o espaço contém tudo – desde a ação humana até os usos diferenciados do espaço e do tempo que tal ação provoca. Espaço e tempo são categorias fundamentais, tanto para o raciocínio filosófico, quanto para a análise da ação, daí a necessidade de empirizar o tempo.

Empirizar o tempo é, no dizer de Santos (1998a), utilizar concomitantemente as categorias de técnica e política, na análise do espaço. Por meio do conceito de tempo empírico é possível equiparar tempo e espaço. A definição do espaço geográfico como resultante da conjugação de sistemas de objetos e sistemas de ações (Santos, 1997a) nos coloca a necessidade de pensar o tempo (e o próprio espaço) empiricamente. O espaço geográfico e a história produzida são resultantes do fenômeno técnico; o espaço geográfico tem como conteúdo as técnicas e as diferentes formas de ação que produzem a história, pois a história, do ponto de vista geográfico, é resultado da utilização das técnicas. O viver-fazer humano é uma técnica de vida, que se processa como temporalidades e se realiza como história.

O homem está no mundo e com o mundo – produzindo-o e transformando-o, preenchendo com a cultura os espaços geográficos e os tempos históricos. O ser humano se identifica com sua própria ação: "objetiva o tempo, temporaliza-se, faz-se homem-história" (Freire, 1979, p. 31). As relações do homem com o seu espaço são relações temporais, transcendentais e criativas. Cotidianamente, o ser humano recria pelos acontecimentos o seu espaço de viver: "todos os dias o povo se renova; o povo renova cotidianamente o seu estoque de impressões, de conhecimento, de luta" (Santos, 1998b, p. 38).

A Geografia é um instrumento importante para a compreensão do mundo. Pensar o ensino de Geografia a partir de sua função alfabetizadora é articular a leitura do mundo à leitura da palavra, na perspectiva de uma política cultural – cultura aqui entendida como a relação do ser humano com o seu entorno – que instrumentalize as classes populares a saberem pensar o espaço, para nele se organizarem na luta contra a opressão e a injustiça. O conceito de alfabetização se amplia e transcende o seu conteúdo etimológico – de lidar com letras e palavras mecanicamente – passando a traduzir as relações da criança com o mundo, mediada pela prática transformadora deste mundo.

Tanto Freire (1993) quanto Santos (1998b) – esses homens sábios porque "lentos" – nos apontam a possibilidade e a necessidade de pensar, desejar e lutar pela construção de um mundo em que os homens sejam mais felizes; onde haja um outro tipo de "globalização" – não a globalização da sem-vergonhice, como diz Freire – mas uma globalização mais humana, mais solidária; um mundo em que os homens possam produzir espaços felizes.

Sobre o ato de ler o mundo e a palavra

Aprender a ler, a escrever é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo; compreender seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da relação linguagem-realidade. O processo de alfabetização se realiza no movimento dinâmico entre palavra e mundo: a palavra dita flui para o mundo carregada de significação existencial: "palavra-mundo", a mais perfeita tradução do acontecer humano.

Do ponto de vista da Geografia, podemos dizer que ler o mundo é ler o espaço, construção social e histórica da ação humana. Como instância da sociedade, o espaço é o objeto da Geografia; disciplina que o analisa, o interpreta e o explica, como resultante da economia, da política e da cultura. Assim, ler o mundo é estudar a sociedade; é estudar o processo de humanização do ser humano a partir do "território usado"¹. É o uso do território que determina o tipo de vida que levamos. Do controle do fogo à conquista da lua, a humanidade desenvolveu *capacidades técnicas* que construíram o seu *modus vivendi*. O espaço, movimento solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações² no qual a história se processa, é um objeto geográfico, ou seja, a Geografia é uma disciplina histórica que estuda o espaço empírico, resultante das obras dos homens. Espaço é o "território usado", natu-

reza socialmente definida pelo movimento do viver-fazer humano: o acontecer humano se reflete no território do espaço geográfico, o que nos possibilita definir metaforicamente a Geografia como uma escrita existencial do ser humano no seu território.

Santos (1997a) lembra que o fenômeno técnico é um dado central do processo histórico; a história é uma sucessão de técnicas e sistemas de técnicas que são, ao mesmo tempo, conteúdo e continente da ação humana. Como conteúdo e continente da ação, a técnica possibilitou ao homem escrever a história sem escrever palavras: primeiro o homem escreveu o mundo pela técnica e pela ação; depois falou o mundo transformando-o pela linguagem e, por último, o homem registrou o mundo nomeando-o, podemos encontrar um paralelo desta concepção no pensamento de Freire & Macedo, pois:

“O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras. Esses são momentos da história. Os seres humanos não começaram por nomear A!F!N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo”. (Freire & Macedo, 1990, p. 32)

Alfabetizar-se no conteúdo do mundo é, do ponto de vista da Geografia, identificar, na natureza tecnicamente produzida, as contradições em que estamos inseridos, procurando desvendar as ações necessárias à construção de um novo mundo, de uma nova natureza, na qual o ato humano tenha a identidade de sua humanidade.

Ler o mundo é ler o espaço

Ler o mundo é apreender a linguagem do mundo, traduzindo-o e representando-o: a percepção do espaço e sua representação. Esta capacidade é fruto de um processo de múltiplas operações mentais que se desenvolve a partir da compreensão simbólica do mundo e das relações espaciais topológicas locais. No que se refere ao ensino de Geografia nas séries iniciais e, ao que mais especificamente estamos tratando, a sua função alfabetizadora, é importante ressaltar o papel que a aquisição da noção de espaço e sua representação desempenham no desenvolvimento cognitivo da criança. A noção de espaço é uma estrutura mental que se constrói ao longo do desenvolvimento – desde o nascimento da criança até a formalização de seu pensamento – por meio de um processo complexo e progressivo, que implica a mediação constante do adulto que a cerca.

Do ponto de vista pedagógico, a noção de espaço (bem como a noção de tempo) não pode ser consolidada através de procedimentos didáticos que partem de noções simples e concretas para as mais abstratas, como se sua aquisição fosse linear e monolítica. O fundamental é o fato de sabermos que tanto para a construção da noção de espaço, quanto para a aquisição da linguagem escrita, não há apenas um caminho. Tais aquisições permeiam todas as áreas do conhecimento, pois não se referem a um conteúdo em si, mas a algo inerente ao desenvolvimento humano.

O ensino de Geografia nas séries iniciais deve ter como fundamento a alfabetização da criança na leitura do mundo através da leitura do espaço. Fazer Geografia é dialogar com o mundo, possibilitando à criança ampliar os significados construídos (através do uso de novas e diferentes linguagens), transformando sua observação em discurso (é dizendo ‘mundo’ que significamos o mundo), de modo que possa compreender o conjunto de movimentos que dá sentido ao mundo. O sentido do mundo está no próprio mundo, portanto, ler o espaço é apreender o seu sentido. Tal percepção nos leva a indagar sobre sua significação: o que é o mundo hoje? Como nos colocamos nele? Indagar o mundo para construir o sentido do mundo!

O mundo hoje é uma unidade planetária. O mundo vivido é o mundo unificado da ciência, da técnica e da informação: meio técnico-científico-informacional,³ que realiza-se de forma extensa e contínua em muitos lugares, ao passo que, em outros, manifesta-se apenas como manchas ou pontos, dividindo o mundo em espaços hegemônicos – perfeitamente adaptados às exigências das ações econômicas, políticas, culturais características da globalização – e espaços não-hegemônicos – áreas não dotadas dessas virtualidades (Santos, 1997a) Atualmente, a ciência, a tecnologia e a informação constituem a base técnica da vida social, modificando radicalmente a relação do homem com o mundo e com a natureza. Se em um dado momento histórico a natureza era unificada por forças telúricas (que davam visibilidade ao mundo), hoje o princípio unificador do mundo é a sociedade mundial, o que torna menos visível para todos aqueles que têm menos informação. No mundo menos visível, as relações de poder são extremamente opacas, ocultadas pela lógica da dissimulação e pela difusão de um imaginário coletivo, no qual o povo se reconhece e se identifica.

Como resistir a esta produção de “subjektividades hegemônicas”, que engendram formas de ser-pensar-sentir-

fazer? Como reverter este tempo fundante, veloz e fugaz, que cotidianamente transforma homens em coisas? Para Santos, a resposta a estas questões encontra-se na análise do cotidiano. No cotidiano, espaço e tempo aparecem recortados sob a forma de um espaço banal – que leva consigo todas as dimensões do acontecer – e de um tempo plural, tempo cotidianamente compartilhado, um tempo dentro do tempo (1997a, p. 38). A concepção do cotidiano como espaço banal e tempo plural nos remete ao processo de conscientização, do qual nos fala Freire (1980, p. 26) – consciência e ação crítica sobre o mundo – que implica ultrapassar a esfera espontânea de apreensão da realidade. A leitura do mundo começa pela leitura do lugar – espaço existencial do acontecer humano.

O lugar é o território horizontalmente definido pela ação humana. O modo de viver do homem expressa-se na dimensão horizontal do território. Santos (1997b, p.22), através das categorias de horizontalidade e verticalidade, analisa o *lugar* e suas diferentes configurações. Segundo ele, as horizontalidades são o domínio de um cotidiano (com)partilhado, com a tendência de criar as próprias normas, fundadas no exercício de uma existência solidária. Graças a esta solidariedade, consciente ou não, os homens tem a possibilidade de resistir as verticalidades impostas pela globalização.⁴ Quanto mais a globalização se aprofunda, impondo regulações verticais, mais aumenta a tensão entre a globalidade e a localidade, quanto mais o mundo se afirma no lugar, tanto mais o lugar torna-se único.

O homem produz (produzindo-se cotidianamente), seu espaço, que é, ao mesmo tempo, expressão material de suas necessidade e domínio da liberdade. O espaço, em sua dimensão cotidiana, inclui uma multiplicidade infinita de perspectivas. No cotidiano, o espaço se apresenta como polissêmico e complexo, não podendo ser reduzido a uma visão simplificadora da materialidade física de uma realidade última. O espaço é resultante do movimento e de uma construção social e histórica da ação humana.

A globalização é um processo que reflete, ao mesmo tempo que produz, um momento marcado por dissoluções e de aceleração de uma crise, que é, ao mesmo tempo, existencial e civilizatória. Vivemos em um mundo paradoxal, espaço de saberes múltiplos, de verdades relativas, de indeterminações, nebulosidades, ambivalências e contradições; em um espaço tão complexo como uma gravura de um mundo moderno, ou modernizado pela técnica, que coloca, para o homem contemporâneo, o desafio de (sobre)viver em um universo paradoxal, em uma estrutura social complexa, sem fragmentar-se, sem perder-se de si mesmo.

O mundo dominado pela técnica é também o mundo da ideologia. Ideologia que, além de produzir idéias, produz coisas, objetos e subjetividades. Com a cientificização da produção e da técnica, tudo o que se produz é precedido de uma idéia científica. O mundo atual pode ser definido como um grande mercado de idéias, que antecipa a produção de tudo: objetos, pessoas e lugares. O consumo é o grande fundamentalismo da atualidade, porque é o parâmetro de uma forma de vida que transforma o ser humano em coisa, em objeto.

No início, o ser humano criava e comandava os objetos, dominando a natureza e humanizando-se pelo trabalho. Atualmente, são os objetos que comandam a vida do homem: "na minha infância e juventude eram poucos objetos, e eu os comandava. Hoje, são eles que me comandam. E a gente acaba sendo perseguido pelos objetos, você tem fax em casa, *e-mail*, é um inferno" (Santos, 1998c).

Santos (1998b) nos fala da contradição entre a produção do consumidor e do cidadão. A idéia de cidadão está ligada à idéia de indivíduo forte, ao passo que a idéia de consumidor nos remete à idéia de indivíduo fraco, débil, até mesmo debilóide. Esta contradição às vezes nos parece difícil de ser superada, nos fazendo acreditar que vivemos em um mundo onde uma reversão se torna impossível. Como nos lembra Linhares (1996, p. 6), este parece ser o espírito da época:

"pouca discussão, soluções pragmáticas, sonhos manipulados e modelizados pela indústria cultural, projetos políticos a serviço de sectarismos, excluidências ameaçadoras que começam pela negação do emprego e que vão até a desapropriação do saber."

Em um tempo marcado pela desesperança, pela acomodação e pelo medo, a humanidade enfrenta, cotidianamente, a necessidade de aprender a viver em um universo abandonado pelos deuses. Neste contexto, morreu a verdade única e absoluta, deixando o homem órfão de suas certezas. Essa orfandade entregou ao homem a construção do próprio destino.

Freire & Macedo (1990) nos chamam a atenção para o fato de que nada sobre a sociedade, a língua, a cultura ou a alma humana é simples; nada se desenrola "naturalmente", nem na natureza, nem na história. O ser humano é um ser-em-situação, sujeito circunstanciado por e submerso nas condições espaços-temporais do mundo. Como ser "situado", o ser humano é desafiado pelas circunstâncias a refletir sobre sua ação – ao refletir sobre seu contexto ele constrói e reconstrói seu espaço existencial, produzindo cultura e fazendo história.

Ao produzir a cultura e a história, o homem produz vida, a sua vida – como indivíduo e como espécie. Seu fluxo vital o coloca em um estado permanente de tornar-se: criando, aumentando e intensificando suas potencialida-

des e energias. O homem é vida, e a vida é essencialmente mais vida. Sendo o acontecer humano um permanente processo de tornar-se, o seu cotidiano pode ser interpretado como o espaço-tempo do movimento de fazer-se e refazer-se, intensamente vivido no processo de fazer o mundo e produzir a história. O homem é um ser curioso, dado à aventura e à paixão de conhecer, de ser-mais (Freire, 1979, p.13), esta vocação ontológica do ser humano é algo que se constrói na história. Como um ser inserido no mundo (e não simplesmente adaptado), o ser humano realiza-se pelo seu sonho – é o seu sonho que produz a história.⁵

A história como possibilidade (e não determinismo) do fazer humano encontra no sonho a matéria-prima de realização: o sonho é o motor da história. Daí a importância da educação, que, “não podendo tudo, pode alguma coisa” (Freire, 1986, p. 21). Pode, por exemplo, contribuir para uma leitura do mundo (e da palavra) fundada na linguagem da possibilidade – que comporta a utopia como sonho possível. Uma educação comprometida com as classes populares não pode abrir mão da utopia. A utopia é um compromisso histórico que os sujeitos políticos assumem frente à transformação do mundo. A utopia é, também, um ato de conhecimento, pois exige a “denúncia de um presente intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído política, estética e eticamente pelo homem” (Freire, 1986, p. 28). O sonho é necessário a qualquer projeto de construção de um mundo diferente, menos feio, mais solidário. Não há mudança sem sonho, assim como não há sonho sem esperança. Uma educação voltada para o exercício da liberdade humana pressupõe o compromisso com a utopia.⁶ Utopia aqui entendida como uma aprendizagem política, necessária às classes populares; como uma assunção, que não seria possível se lhes faltasse o gosto pela liberdade, se lhes faltasse a esperança, sem a qual não lutamos para que o mundo se realize de outra maneira.

A luta é uma categoria histórica muda de espaço-tempo a espaço-tempo; portanto necessita ser revisitada e atualizada permanentemente. Em um momento histórico como o que vivemos hoje, no país e no mundo, é a realidade mesma que grita, advertindo os homens da urgência de se reinventarem novas formas de encontro e novas soluções políticas para os velhos e inadiáveis problemas que a humanidade enfrenta.

O mundo não é feito de certezas, essa é a única “verdade” possível. A forma mais construtiva de enfrentarmos os problemas que se configuram na crise atual é assumirmos um compromisso verdadeiro com a solidariedade, construindo coletivamente uma rede de solidariedade. O compromisso é sempre solidário e não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, ou a um ato unilateral. É o encontro de homens solidários, comprometidos com um mundo, mais humanizado, um mundo em que todos os homens coletiva e solidariamente se responsabilizem perante a história.

Últimas (porém não definitivas) palavras

A tarefa e o desafio que se colocam tanto para a Geografia, quanto para a educação, é reaprender o mundo (real e complexo), superando um discurso didático fundamentado na reflexão de um mundo imaginário. A abordagem dos conteúdos de Geografia insere-se na perspectiva da leitura do mundo. Ler o mundo é ler o espaço, é ler o lugar; é reconhecer no cotidiano os elementos sociais, culturais e naturais que formam o espaço geográfico: um espaço que contém múltiplos espaços e tempos em permanente transformação.

Saber pensar o espaço para nele se organizar. Este deve ser o objetivo central de um ensino de Geografia comprometido com uma educação voltada para o exercício da liberdade e da emancipação. A aprendizagem da Geografia deve possibilitar a reflexão crítica sobre o espaço: uma reflexão que incorpore as diferentes leituras de um mesmo objeto e que, fundamentada no confronto de idéias, interesses, valores socioculturais, estéticos e econômicos, evidencie as diferentes interpretações e intencionalidades que marcam a história da construção de um espaço; uma reflexão que possibilite a elaboração de questionamentos sobre o espaço, a vida, o mundo.

Do ponto de vista pedagógico, trabalhar a representação espacial da criança significa trabalhar a leitura do mundo, no sentido de possibilitar a compreensão da espacialidade dos fenômenos e dos processos histórico-sociais que os constituem. Partindo da leitura e da produção de diferentes linguagens, o ensino de Geografia possibilita à criança definir outros referenciais espaciais que não estejam vinculados a si mesma, ao mesmo tempo em que se articula a leitura da palavra pela sistematização de símbolos e pela apropriação das convenções sobre o funcionamento das linguagens.

Ler o mundo, do ponto de vista geográfico, não significa “ler o grande livro aberto da natureza”. A leitura do mundo pressupõe o domínio e a manipulação de todo um instrumental conceitual que possibilite o des-velar da realidade; a leitura do mundo implica a compreensão das diferentes formas de espacialidade traduzidas nos diferentes modos de viver em sociedade. No que se refere à escolaridade, a função alfabetizadora da Geografia nas séries iniciais se traduz na manipulação de instrumentos conceituais que auxiliem a criança construir a um raciocínio geográfico para saber pensar o espaço. No cotidiano, as relações e representações espaciais confundem-se

“caoticamente”, pois, de modo geral, as formas de espacialidade com as quais convivemos – uma multiplicidade de representações espaciais, que se superpõem umas às outras – demandam um saber que possa nos ajudar a pensar o espaço em um mundo globalizado pela técnica.

O ensino de Geografia nas séries iniciais deve desenvolver na criança o sentimento de pertencimento – pertencer a um mundo natural e social; a um tempo veloz e lento; a um lugar único e global; a uma realidade em permanente transformação. A Geografia pode (e deve) pensar dialeticamente o espaço, ou seja, pensá-lo em sua complexidade; complexidade que incorpora a unidade heterogênea do saber e do existir humanos, em uma totalidade una, que é, ao mesmo tempo contraditória e heterogênea, portanto múltipla – é a unidade das diferenças no movimento que se faz vida. O espaço é construção, é resultante do acontecer humano e "ser resultante não é ser 'teatro da história' mas, sim a própria história territorializada" (Santos, D., 1996, p. 33).

Pensar a função alfabetizadora da Geografia, associando a ela a leitura da palavra é colocar no centro do debate pedagógico a lógica, como instrumento fundamental à leitura do mundo. A escola ensina a criança a pensar o mundo na perspectiva da lógica formal – o que, do ponto de vista do processo ensino-aprendizagem, tem resultado em um conhecimento ineficaz do mundo, impedindo a aquisição de novas posturas e a construção de respostas necessárias ao enfrentamento dos desafios que o cotidiano nos coloca. Trazer a lógica para o centro do debate é evidenciar a necessidade de superar (principalmente na educação) uma racionalidade operante, substituindo-a por um novo aprendizado, capaz de promover uma leitura do mundo (e da palavra) fundamentada na lógica dialética: uma lógica capaz de resgatar as contra-racionalidades, ou melhor, "racionalidades paralelas (e não irracionalidades) que foram jogadas embaixo do tapete da história e recusadas nos estudos de nossas faculdades" (Santos, 1998c, p35).

O desafio que se coloca para a escola e para a educação neste final de século é o de promover a passagem do *homo sapiens*, para o *homo dialecticus*, o que significa:

“alterar o estilo arquitetônico de nosso intelecto. Exige-se a nova arquitetura da Razão – uma razão dialética capaz de praticar no paradoxo, de pensar o complexo, de se equilibrar no oceano agitado da nova ordem, de se habituar a presença constante do contraditório. Acontece, porém, ser esse estilo novo, algo difícil de alcançar, porque requer aprendizagem. É algo semelhante ao que no passado aconteceu quando se tratou de libertar o pensar da tirania da aparência sensorial. Também este salto qualitativo do *Homo credulus* para o *Homo sapiens* requereu aprendizagem. Trata-se agora de passar do *Homo sapiens* para o *Homo dialecticus*. (...) O conhecimento dialético do universo e do nosso existir nele talvez nos ajude a edificar a unidade heterogênea dos saberes, ao fazer-nos ver que afinal o clássico modelo de unidade não é o único possível. A totalidade una, pode ser, simultaneamente, contraditória e heterogênea – a unidade dos diferentes. Tal como a composição das cores e dos sons, também a dos saberes pode variar de estilo”. (Branco, 1989, p. 285-287)

A leitura dialética do mundo implica praticar uma pedagogia da esperança, comprometida com a liberdade; voltada para a realização da humanidade do homem – humanidade que se realiza não pelo conhecimento, mas pela sabedoria. Formar homens sábios (e não eruditos) deve ser o ideal de uma educação fundada na dialética. A sabedoria constrói-se a partir da compreensão, e esta não se desenvolve somente a partir do ponto de vista intelectual-racional. Uma educação comprometida com o desenvolvimento da humanidade é uma educação para a sabedoria: uma educação e uma escola voltadas para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, portanto inclusiva e compreensiva.

Ensinar Geografia é possibilitar as condições necessárias para que a criança construa um novo modo de compreender, cientificamente o mundo. A tarefa que hoje se coloca para a Geografia é a de explicar o mundo – é revisitar o mundo, desvelando efeitos de verdade, redescobrimo significados, desnudando imagens e recuperando identidades. Santos (1996, p. 13) nos fala da necessidade de se apreender o mundo em sua temporalidade, em seu estado de coisas atuais, decodificando o tempo presente, para concebê-lo como um estado de coisas possíveis.

Freire e Santos, esses andarilhos da esperança, nos acenam com o futuro possível. Para Santos (1998b, p. 42):

“O Brasil tem jeito, porque nunca aceitou o conformismo. O Brasil é uma cultura rebelde. No Brasil os mais pobres não desistiram de ser gente – os pobres querem ser gente e isso é contagioso. (...) O futuro já chegou e este período de globalização está morrendo. Agora é o tempo de uma globalização por baixo, uma globalização que vem de baixo para cima, que vem com emoção e que vai incluir todas as minorias e todas as minoridades”.

A função alfabetizadora da Geografia define-se na opção político-pedagógica de pensar-fazer uma educação comprometida com o povo, com o território, com a nação, uma educação que se traduz em uma pedagogia do so-

nho, da utopia e da esperança de construção de uma pátria-mundo mais bonita, mais justa, mais solidária e mais gentil com todos os seus cidadãos.

Notas

* Professora do Departamento de Educação, Sociedade e Conhecimento, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. "fazer a sociedade falar através do território. Da mesma maneira como a gente pode dar voz à sociedade através da economia ou da cultura, também o território é capaz de mostrar a sociedade tal e qual (...) o território é um formidável revelador, porque não pode esconder nada. Porque ele é o lugar de vida, trabalho e circulação, é o lugar das relações sociais e do trato entre os indivíduos, e até mesmo de manifestação do espírito." Santos, *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.43.

2. Para Santos, à Geografia cabe estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistema de ação que formam o espaço. O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistema de ações também artificializadas, cada vez mais estranhas ao lugar e seus habitantes. Fábricas, hidroelétricas etc. são objetos que marcam o espaço lhe dando um conteúdo técnico. Sistemas de objetos e sistema de ações estão em permanente interação; os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e o sistema de ações leva à criação de novos objetos técnicos, é assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 51-52.

3. Na atual fase da história da humanidade, assistimos a um processo de unificação que faz do planeta Terra um sistema-mundo, internacionalizando, em diferentes graus, lugares e indivíduos. Tal conjunto sistêmico nos dá a impressão de que a globalização constitui um paradigma capaz de nos fornecer a compreensão dos diferentes aspectos da realidade. A união da técnica e da ciência associa-se, na contemporaneidade, à idéia de um mercado global, no qual a informação ocupa papel de destaque. Da mesma forma como participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais), a ciência e a tecnologia, juntamente com a informação, encontram-se na base de produção, utilização e funcionamento do espaço. Pelo fato de ser fruto da produção técnica-científica-informacional, o meio geográfico tende a ser universal, assegurando o funcionamento dos processos de globalização.

4. Santos chama de horizontalidades as extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade e de verticalidades, aqueles pontos no espaço que separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade. O espaço se compõe desses dois recortes, é a partir dessas novas subdivisões que devemos pensar novas categorias analíticas. As horizontalidades referem-se a produção propriamente dita, é o *locus* de uma cooperação mais limitada, as verticalidades referem-se a circulação, distribuição e o consumo da produção. SANTOS. A pontamentos de aula. FFLECH/USP, 1998.

5. A esse respeito ver Branco, João Maria de Freitas - *Dialética, ciência e natureza*, citado por Santos, Douglas, no artigo intitulado *A tendência à desumanização dos espaços pela cultura técnica*, in: *Cadernos CEDES: O Ensino de Geografia*, n. 39. Campinas. Papirus, 1996, p 39.

6. Utopia é aqui entendida não como algo irrealizável; não como idealismo, mas como objetivo de vida, como construção histórica, como "dialeção dos atos de denunciar e anunciar: denunciar a estrutura desumanizante e anunciar uma estrutura humanizante".

Referências Bibliográficas

BRANCO, João Maria de Freitas. *Dialética, ciência e natureza*. Lisboa: Caminho, 1989.

BENEVIDES, Maria Vitória. Entrevista à Revista *Teoria e Debate*, n. 39, out/nov/dez. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 1998.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. São Paulo: 1979.

_____. *Conscientização*. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. & MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

LINHARES, Célia Frazão. *O Pensamento pedagógico crítico no Brasil: a presença de Paulo Freire*. Conferência apresentada no Simpósio Paulo Freire. Universidade do Espírito Santo. Setembro/96. Rio de Janeiro: 1996, mimeo.

SANTOS, Douglas. A tendência à desumanização dos espaços sociais. In: *Cadernos CEDES, nº 39: O ensino de Geografia*. Campinas: Papyrus, 1996.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997a.

_____. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. S. Paulo: Hucitec, 1997b.

_____. Entrevista à Revista *Veredas*, nº 33 set.98. Rio de Janeiro. Centro Cultural do Banco do Brasil, 1998a.

_____. Entrevista à Revista *Carta Capital*, out.98. São Paulo, 1998b.

_____. Entrevista à Revista *Caros Amigos*, ago.98. São Paulo. Editora Casa Amarela, 1998c.

_____. As duas esquerdas. *Folha de S. Paulo*, 07/12/97 .

_____. Geografia. *Folha de S. Paulo*, 13/04/97.

_____. A revanche do território. *Folha de S. Paulo*, 03/08/97.